

'Malês' é destaque em festival de cinema africano

PÁGINA 3



Diretor de 'Parasita' conquista fãs com seu 'Mickey 17'

PÁGINA 4



Vitor Kley lança doc. com bastidores de turnê

PÁGINA 6



## 2º CADERNO

### Up Leon abre inscrições para projeto gratuito de formação e pesquisa circense. Atividades serão realizadas entre abril e setembro

A Companhia de Circo Up Leon, que celebra 34 anos, realizará uma série de ações gratuitas voltadas à formação e pesquisa para jovens interessados na arte circense, entre eles o projeto "Transversalidades", contemplado pelo edital Pró-Carioca, programa da Prefeitura do Rio de Janeiro via Secretaria Municipal de Cultura.

Entre fevereiro e setembro, serão abertas seleções para três iniciativas: Residência Artística, Oficina de Especialização Circense e Workshop de Produção Cultural para Pessoas com Deficiência (PcD). As atividades ocorrerão de abril a setembro e incluirão quatro mostras de resultado: uma em um espaço cultural da Prefeitura, duas na Casa Up Leon

e a última em uma escola municipal da região.

Os participantes receberão bolsas-auxílio entre R\$ 460 e R\$ 3 mil, além de certificado. As inscrições podem ser feitas pelo link <https://11nq.com/fJZ7U>.

"Transversalidades fala sobre a troca de experiências e saberes, tanto da arte circense, técnica e artisticamente, quanto da vida e tudo o que aprendemos até aqui. Compartilhar para gerar novos frutos", afirma Olga Dalsenter, fundadora e CEO da Up Leon.

O projeto também contará com um Núcleo de Pesquisa e Criação de Números para Circo, que reunirá, durante seis meses, seis artistas do elenco fixo. O núcleo auxiliará nas atividades da Oficina de Especialização Circense e da Residência Artística, promovendo uma integração dos saberes. A direção artística e técnica ficará a cargo do premiado diretor e ator Orlando Caldeira. Continua na página seguinte

# Profissão Circo



ENTREVISTA / ORLANDO CALDEIRA, ATOR

# ‘O circo veio complementar minha trajetória como ator’

Mavinga/Divulgação

**A**pós dirigir mais um espetáculo de circo, que estreou em um festival internacional no sul da França, Orlando Caldeira está de volta ao Brasil. Trata-se do espetáculo “Macacada”, que esteve na programação oficial da Biennale Internationale de Cirque neste fevereiro de 2025. Já atuou em novelas como “Vai na Fé” e “Verão 90” (Globo). Em 2024, ganhou o troféu de Melhor Direção no Prêmio Prio de Humor, de Fábio Porchat, pelo espetáculo “Pelada A Hora da Gaymada”. Ao lado de Renato Rocha, foi um dos diretores do espetáculo “Atenção”. Na entrevista abaixo, ele fala ao Correio de seus projetos atuais e futuros.

**Como surgiu o convite para fazer a direção artística do projeto Transversalidades?**

**Orlando Caldeira** - Sou formado pela Escola de Circo desde 2008, quando conheci a Up Leon. Admiro e acompanho o trabalho deles. Em 2023, assinei a codireção de um dos espetáculos da companhia, que ficou em cartaz aqui no Rio. A gente teve uma ótima relação, tudo muito prazeroso, e assim que voltei da França, recebi esse convite para desenvolver mais esse trabalho de pesquisa com eles. Aceitei na hora porque considero muito importante essa questão da pesquisa circense.

**Você já tinha trabalhado com eles antes, no espetáculo “Atenção”. Como foi essa experiência?**

Muito boa! Aprofundi um caminho de pesquisa que venho desenvolvendo há um tempo no teatro, a mistura das duas linguagens. No ‘Atenção’, trouxe muito a teatralidade - o circo é muito teatral, mas às vezes o circense fica muito preso à execução da técnica e se “esquece” do artístico. E, naquele espetáculo, eu pude trabalhar muito a questão do artístico junto com a técnica, que é o melhor dos mundos e rendeu uma experiência incrível. Tanto que dois artistas circenses do ‘Atenção’ eu acabei levando para o ‘Pelada’ e depois fizeram novela.

**E como o circo entrou na sua vida? Foi antes ou depois do teatro? E o teatro?**

O circo chegou na minha vida quando eu estava ensaiando um espetáculo de teatro há quase 20 anos, e precisava de habilidades circenses para atuar. A peça era inspirada na comédia de arte italiana e tinha essa coisa do Arlequim acrobático. Foi quando comecei a estudar circo, de forma aleatória. E lá a gente ouvia falar muito sobre a prova da Escola Nacional do Circo. Como eu estava gostando muito de aprender as acrobacias, encarei a prova e passei. O teatro veio antes, mas logo me dediquei às duas artes em paralelo. O circo veio para complementar a minha trajetória no teatro como ator. E nunca tive a pretensão de seguir carreira no circo como circense, embora já tenha feito algumas apresentações em circo e achado fascinante. O curioso é que, com o tempo, o meu teatro começou a servir ao circo. Essa troca está sendo muito interessante e a mistura tem ficado cada vez mais intensa.

**Você acabou de chegar de Paris, onde dirigiu a peça “Macacada”, uma produção que envolve circo, dança, teatro, instalação e audiovisual. Qual foi a recepção do público francês?**

“Macacada” é um espetáculo sensacional. Foi criado pela intelectual circense Maïra de Oliveira Aggio, que conheci na Escola Nacional de Circo e a gente teve uma amizade muito boa desde então. Já fizemos outro espetáculo de teatro juntos, anos atrás, e admiro muito a trajetória da Maïra. Ela foi pra



Bélgica, seguiu pra França e vem desenvolvendo uma reflexão muito interessante sobre o circo, sobre como a gente lida com o corpo circense. E, bem importante, sobre como nos relacionamos com o mundo a partir de uma perspectiva contracolonial, do poeta, filósofo e mestre quilombola Nego Bispo, que nos deixou no final de 2023. O espetáculo acabou virando uma acrobacia de ideias. Os franceses adoraram.

**Planos de trazer “Macacada” ao Brasil?**

Sim, mas ele foi construído para circular pela Europa. Teremos que fazer umas adaptações para trazer essa história ao público brasileiro.

**O que mudou na sua vida depois de atuar em uma novela popular como “Vai na Fé”?**

Já tinha feito algumas novelas na Globo, mas a ‘Vai na fé’ foi di-

visora de águas na minha carreira, assim, de entender o poder da telenovela brasileira. A autora Rosane Svartman dizia que novela fala com a nação inteira. Eu ouvia isso sem dimensionar. Ela tinha razão. Lembro que fui num casamento na aldeia indígena Pataxó da Jaqueira, no sul da Bahia, e todos sabiam o meu nome. Fiquei impressionado e entendi o poder de ‘Vai na Fé’, uma obra incrível em termos de projeção, de alcance, de Ibope e também incrível em termos artísticos. Foi um trabalho que me abriu muitas portas e marcou para sempre a minha vida.

**Qual contribuição você espera levar ao projeto que está assumindo de formação e pesquisa como diretor artístico e técnico?**

O circo sempre esteve na vanguarda no mundo, inovando e pesquisando novas formas de se comunicar com o público através da arte. Minha contribuição é incentivar a jornada interior, para além da estética e da técnica. Assim como no teatro, a introspecção é fundamental para entender o que podemos expressar artisticamente. O circo exige muita perfeição técnica mas também é preciso aprofundar o lado artístico.

**Das etapas do projeto que você vai dirigir, alguma parece trazer algum desafio extra?**

Penso que não existe desafio maior ou menor: Tudo é desafio, entrega, tudo é tentativa e erro. E adoro desafios.

**Teu 2024 foi intenso. Ganhou o Prêmio Prio de Humor e quase perdeu a vida num acidente de moto. Algum aprendizado?**

O meu 2024 foi de muito aprendizado. Acho que ressurgiu novo em 2025, dando valor aos encontros, às pessoas, ao que realmente importa. Essa é a grande lição de tudo o que vivi, entre sustos e alegrias. E que sorte viver para me comunicar com o coração das pessoas. 2024 serviu para eu me engajar mais com a minha arte.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**M**ais prestigiado evento africano de interseção entre cinema dirigido por populações pretas e a reflexão sociológica decolonial, o Festival Panafricain Du Cinéma Et De La Télévision De Ouagadougou - mais conhecido como Fespaco - vem abrindo veias latinas nas telas de seu país sede, Burkina Faso, desde 1969, quando iniciou suas atividades, e, este ano, em sua 29ª edição, serviu de plataforma de internacionalização para um titã do Brasil. Antônio Pitanga foi até lá a fim de representar o cinema brasileiro na seleção oficial de longas-metragens dessa maratona audiovisual da África, inaugurando a carreira internacional de seu “Malês”.

Lançado no Festival do Rio, em outubro, o filme marca o regresso do emblemático ator do Cinema Novo à direção, 47 anos depois de seu primeiro exercício como realizador, “Na Boca do Mundo” (1978). Outras produções nacionais estiveram por lá, como “Deixa” e “Quem É Essa Mulher?”, de Mariana Jaspe; “Othelo, o Grande”, doc de Lucas Rossi; e “Zion”, de Licino Januario.

A presença de Pitanga, hoje com 85 anos, contextualiza para a intelectualidade da África quão grande é a ferida aberta do racismo em terras sul-americanas, e o faz sob a ótica de um mestre.

“Toda a emoção por ter a oportunidade de estar no Fespaco, esse evento que é o mais importante festival do cinema negro de toda a África, podendo trazer o ‘Malês’, contar a história dele, onde tudo começou, exatamente nesta área aqui, no norte da África, em Benin, no Togo, Senegal, Nigéria”, disse Pitanga ao CORREIO DA MANHÃ, por whatsapp, lá do Burkina Faso, que sediou uma maratona de projeções entre os dias 22 de fevereiro e 1º de março. “O ‘Malês’ esta cumprindo a sua missão e daqui segue para outros países da África, porque eles estão nos procurando. Estão querendo exibir nosso filme em Madagascar, Senegal, África do Sul. Então, eu estou muito feliz. Acho que como a gente está vivendo a consagração de ‘Ainda Estou Aqui’ no mundo, nos ainda estamos aqui como Malês”.

A fala do astro de “A Idade da Terra” (1980) e “Casa de Antiquidades” (2020) se refere a um episódio histórico de resistência. Com base num enredo de Manuela Dias (autora da nova versão da novela “Vale Tudo”) produzido por Flávio R. Tambellini, “Malês” recria a Bahia do século XIX, em meados de 1830. Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos muçulmanos,



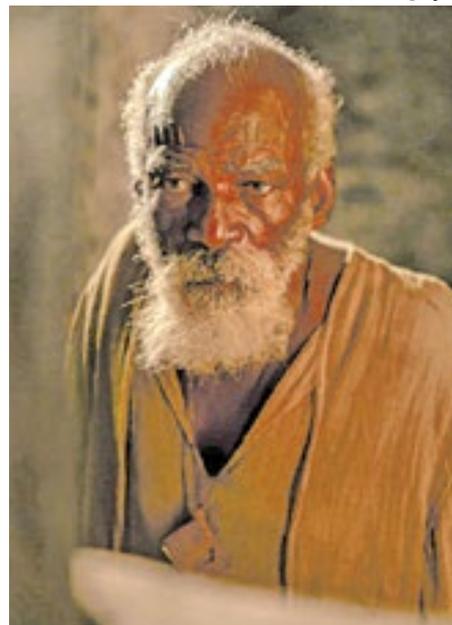
‘Malês’ recria em tons épicos a revolta muçulmana em solo baiano no século XIX

# Os Malês ainda estão aqui... no Brasil e na África

Vantoen Pereira Jr/Divulgação

Longa dirigido de Antônio Pitanga sobre revolta de escravizados muçulmanos leva o Brasil à seleção oficial do Fespaco, o mais prestigiado festival decolonial africano

chamados de malês. A revolta se passa no final do Ramadã, mês do calendário islâmico em que o jejum é uma forma de celebrar Alá. Após o fracasso dessa revolta, os manifestantes foram duramente punidos e a repressão contra as populações pretas no Brasil aumentou. Apesar disso, o exemplo de luta e de resistência deles marcou a História não apenas por uma aula de estratégia política, mas pelo simbolismo intelectual de um povo que combateu o açoite com boas ideias. Num elenco em estado de graça, com destaque para Camila Pitanga e Patrícia Pillar, Rodrigo de



Antônio Pitanga no papel de Licutan, sábio que testemunha a brutalidade branca contra o levante muçulmano em solo baiano

Odé explode em cena, triunfante, em várias sequências, numa atuação memorável.

“Para mim, foi tudo uma grande emoção, sobretudo quando a plateia aplaudiu de pé o filme ‘Malês’ dizendo: ‘Gratidão. Obrigado’. É uma história que eles não conheciam, como o Brasil também não conhecia. A gen-

te traz o século XIX para poder conversar entendendo a tragédia que foi o sequestro da escravização”, diz Pitanga.

Durante as filmagens, ele dividiu seu tempo na direção com seu trabalho de ator, encarnando a figura de Pacífico Licutan, um dos líderes do levante, que defendia a importância da participação de diferentes aldeias e religiões para o sucesso da revolta.

“Eu estou em um momento tão feliz da vida, de vivenciar essa oportunidade incrível de poder dialogar, através do cinema, com o levante mais importante do Brasil”, diz Pitanga que contou com o bamba da edição Quito Ribeiro na montagem. “O ‘Malês’ é um projeto que começou quando eu filmei ‘Idade da Terra’, do Glauber Rocha. Ele queria levar os baianos todos de volta para a Bahia, e me disse: ‘Tá na hora de a gente voltar pra casa, Pitanga’. E com essa ideia de retornar, um dos projetos dele era produzir ‘Malês’. Como o Glauber morreu, ainda ali no começo dos anos 1980, o projeto ficou adormecido até que, vendo ‘Amistad’, do Spielberg, eu retomei a ideia. Fiz o argumento com Orlando Sena e entreguei para a Manuela Dias escrever o roteiro. Nascemos, enfim. Depois de percorrer universidades (com pesquisas sobre os Malês), posso voltar ao lugar de origem, onde tudo começou, a África”.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**assado o frenesi do Oscar, Hollywood agora se concentra nos títulos que podem fechar o primeiro trimestre de 2025 no lucro, muito lucro, e enxerga como seu principal candidato ao posto de blockbuster da atual temporada uma ficção científica hilariante: “Mickey 17”. Entre a fantasia e a gargalhada, sua trama marca o regresso de Bong Joon Ho, o realizador sul-coreano por trás do fenômeno “Parasita” (Palma de Ouro de 2019), à direção de longas.

A partir desta quinta, o público brasileiro vai embarcar com ele numa viagem muito loca por um mundo gelado, Niflheim, que pode se tornar uma colônia de exploração para a Terra se uma horda de criaturas com aspecto de ácaro, porém com tamanho GG, colaborar. A fim de mapear a fria imensidão daquele ambiente, o governo envia para lá “descartáveis” (em inglês, expendables), degredados do processo capitalista, sem um pau pra dar no gato, que passam por um processo de copiagem (ou clonagem).

O indivíduo se alista, submete seu DNA a um tipo de impressora 3D de printar gente e é copiado à exaustão. Daí o “dezesete” ao lado do nome do personagem principal, Mickey Barnes, confiado por Bong ao inglês Robert Pattinson. Seu nome é um ímã de plateias desde “A Saga Crepúsculo” (2008-2012), só que com um diferencial: ele só atua em projetos de grife autoral que o desafiem.

“Bong tem uma forma única de extrair riso de ações físicas de seus personagens, como eu o vi fazer em ‘Memórias de um Assassino’, e tentei me sintonizar com isso”, disse Pattinson em resposta ao Correio da Manhã na abarrotada coletiva de imprensa de “Mickey 17” na 75ª Berlinale, no dia 15 de fevereiro, quando a produção orçada em cerca de US\$ 110 milhões (há fontes que falam em US\$ 80 milhões) fez sua pré-estreia internacional de luxo.

Sua sessão de gala foi ovacionada e a sessão de imprensa também rasgou corações. Havia gente acampada na porta do hotel Hyatt, uma das sedes do Festival de Berlim, para ver a chegada de Pattinson e sacar uma foto de um ator que, há 13 anos, deu um basta na demanda mais burocrática das corporações hollywoodianas para travar parcerias com cineastas com fina autoralidade, a come-

# Talento não se copia



Robert Pattinson amplia seu prestígio ao travar parceria com o sul-coreano Bong Joon Ho, do oscarizado ‘Parasita’, na ficção científica ‘Mickey 17’, ovacionada na Berlinale

çar pelo canadense David Cronenberg, que o dirigiu em “Cosmópolis” (2012) e “Mapas Para As Estrelas” (2014). Dali pra frente, filmou com Claire Denis (“High Life”); Antonio Campos (“O Diabo De Cada Dia”, hoje na Netflix); os irmãos Josh e Bennie Safdie (“Bom Comportamento”); Robert Eggers (“O Farol”, produção do brasileiro Rodrigo Teixeira, ganhadora do Prêmio da Crítica de Cannes); James Gray (“Z: A Cidade Perdida”); e Christopher Nolan (“Tenet”). Não bastasse isso tudo, ele ainda é o atual Bruce Wayne. Assumiu o manto do Cruzado de Gotham City em “The Batman” (2012), que

faturou US\$ 770 milhões e concorreu a três Oscars sob a batuta de Matt Reeves.

“O Robert não para de me desafiar como ator”, diz o dublador Wendel Bezerra, a voz oficial de Pattinson na versão brasileira de seus longas, inclusive “Mickey 17”. “Ele traz uma faceta nova a cada filme. E incrível como ele realmente é capaz de vestir personagens completamente diferentes. Dessa vez, contracenar consigo mesmo e ate o timbre de voz ele mudou. Foi um trabalho desafiador e prazeroso”.

Wendel se refere aos encontros entre Mickey 17 e Mickey 18. Houve ainda um Quin-

ze e um Dezesesseis na trama filmada por Bong com base no romance “Mickey7”, de Edward Ashton. O enredo que vem da literatura fala da confusão em que o falido Mickey Barnes (Pattinson) se mete ao aceitar viajar para Niflheim, consciente de seu “descarte” e sua troca por uma versão copiada de si, sem defeitos aparentes, que preserva a memória do organismo antecessor.

Nesse processo de singrar o espaço e explorar um admirável planeta novo, ele vive uma tórrida paixão por uma colega, a rebelde Nasha (Naomi Ackie), figura essencial no levante armado contra o político populista Kenneth Marshall (Mark Ruffalo) e sua mulher, Yilfa (Toni Collette), signos de poder associados à depredação de novas fronteiras estelares.

“O assustador de ‘contracenar’ consigo mesmo é que você não tem a medida de ritmo, pois faz uma parte da cena sozinho, e, depois, faz a outra”, disse Pattinson, ao justificar o perfil bem distinto entre os Mickey 17 e 18, numa linha humorística que lembra o comico Buster Keaton, ícone da Era Muda. “Usei elementos dos animes japoneses ao interpretar”.

Na Berlinale, “Mickey 17” passou fora de concurso, mas conquistou fãs e elogios, dando a seu diretor uma nova carga de excelência. Ganhador de quatro Oscars em 2020, semanas antes de a pandemia da covid-19 começar, “Parasita” fez de Bong Joon Ho (também se escreve Joon-ho ou Joon-Ho) um dos cineastas de maior culto da atualidade, aclamado ainda por “O Hospedeiro” (2006) e “Mother: A Busca Pela Verdade” (2019). A produção que oscarizou a ele e a Coreia do Sul – hoje disponível na grade da Amazon Prime - custou US\$ 11,4 milhões e faturou US\$ 258 milhões, estabelecendo-se como um arrasa-quarteirão. Antes dela, ele teve experiências de dirigir longas de língua inglesa em “Expresso do Amanhã” (2013) e “Okja”, da Netflix (indicado à Palma de Ouro de 2017). Trabalhou com Tilda Swinton em ambos, tendo ainda estrelas do quilate de Chris Evans, Paul Dano e Jake Gyllenhaal em seus elencos. A parceria com Pattinson agora pode trazer ainda mais fama para sua filmografia.

Na expectativa de ser Batman outra vez, em combate com o vilão Silêncio, Pattinson será visto este ano ainda em “Die, My Love”, de Lynne Ramsay, e “The Drama”, de Kristoffer Borgli, em par com Zendaya. Trabalha de novo com Nolan, no projeto “A Odisseia”, baseado em Homero.

# A força do tambor

Grupo Sopro de Gaia leva o jongo, samba de roda, maracatu e coco de roda a quatro cidades fluminenses

Por Affonso Nunes

**J**ongo, samba de roda, maracatu, coco de roda e outras expressões da cultura popular brasileira serão celebradas no show “Firma o Tambor” que o pelo Grupo Cultural Sopro de Gaia apresenta ao longo deste mês. Com estreia neste sábado (7) em Niterói e depois seguindo para Petrópolis (15), Tijuca (25) e Ramos (27).

Fundado pelo percussionista e mestre de Capoeira Angola Marcus Vinicius Macul, conhecido como Mestre Marcus Feinho, o Sopro de Gaia tem à frente um pesquisador dedicado à valorização das tradições popu-



Roberta Fernandes/Divulgação

**Criado há mais de 20 anos, o Grupo Sopro de Gaia apresenta diversos ritmos brasileiros no show ‘Firma o Tambor’**

lares. Ele também idealizou a Casa do Saber Popular, um dos maiores espaços de vivência e preservação da cultura popular no Rio de Janeiro, que está por trás dessas apresentações.

“Vamos apresentar ao público músicas de

diferentes manifestações culturais brasileiras, com letras que soam como um grito de liberdade, de resistência, como se estivéssemos firmando nossas raízes em solo ancestral. São canções autorais minhas, presentes no nos-

so 15º e último CD, que trazem essa força e mostram a importância da nossa identidade cultural, das nossas origens, dos saberes de povos que nos antecederam”, afirma Marcus. Em sua trajetória como pesquisador, ele desenvolveu o projeto “Cultura Popular para a Paz”.

As danças que acompanham cada ritmo também estarão no espetáculo. “O coco de roda, por exemplo, é uma tradição da cultura popular brasileira que ultrapassa gerações e é riquíssima”, destaca Ana Carolina Rosa, doutora em Educação, psicopedagoga, coordenadora da Casa do Saber Popular e integrante do Sopro de Gaia. “Além do resgate da cultura popular, os brincantes das manifestações populares também têm a possibilidade de reconhecer-se nessa história, elevando sua autoestima e seu olhar mais reflexivo a respeito de si, do outro e do mundo”, acrescenta.

Criado há mais de 20 anos pelo Mestre Marcus Feinho, o Sopro de Gaia dedica-se à pesquisa e salvaguarda dos saberes e tradições de diversas manifestações da cultura popular brasileira. Para isso, realiza viagens de pesquisa a espaços tradicionais, produz materiais audiovisuais (entrevistas, documentários, livros, CDs) e promove eventos com oficinas, rodas e apresentações.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Refletir o passado

Após o sucesso de crítica do álbum “Art.Ficial” (2024), a banda paulistana Bullet Bane inaugura a nova fase com a inédita “O Que Você Faria?”. A faixa propõe uma reflexão sobre o passado e as decisões que moldam a identidade de cada um. A canção aprofunda o lado mais pesado e intenso do grupo. A letra aborda a inquietação gerada pelo tempo e as consequências das escolhas. O questionamento sobre mudar (ou não) o passado está presente, reforçando a sensação de coabrança constante que muitos enfrentam.

Bianca Souza/Divulgação

Reprodução Instagram



### Sucesso renovado

A canção “Homem Com H”, de Ney Matogrosso, se alastrou pelas plataformas de vídeos curtos no último mês dinante das expectativas para o filme homônimo que retratará a vida do artista. O título da cinebiografia “Homem Com H”, dirigida por Esmir Filho e estrelada por Jesuíta Barbosa, faz referência a um dos grandes sucessos do cantor. Nas plataformas de streaming, o consumo digital de “Homem Com H” também deu um salto. Apenas no Spotify Brasil, entre 10 e 16 de fevereiro, foi registrado um crescimento de 200% na contagem de reproduções diárias.



Reprodução Instagram



### Quando elas cantam

A cantora Rita Benneditto é a intérprete de “Plenitude”, canção que integra o projeto “Elas Cantam as Águas”. A maranhense traz a inspiração da cultura afro-brasileira, de tanta representatividade no universo musical. O single está disponível em todas as plataformas digitais e o videoclipe está no canal YouTube da gravadora Galeão. O projeto traz canções de compositores consagrados como a dupla Ivan Lins e Vitor Martins e nomes da nova geração como Gabriel Martins. “Elas Cantam as Águas” reúne, além de Rita, Leila Pinheiro, Zizi Possi e Fabiana Cozza.

Divulgação

# Por dentro de uma turnê

Vitor Kley lança o documentário 'Maior que as Montanhas' em seu canal no YouTube



Vitor Kley em cena do documentário 'Maior que as Montanhas'

Vitor Kley acaba de lançar em seu canal no YouTube o documentário "Maior que as Montanhas", marcando o encerramento de um ciclo na trajetória do artista. A produção celebra o álbum "A Bolha", que transformou a carreira do cantor e compositor

nos últimos cinco anos, rendendo prêmios, turnês e momentos inesquecíveis.

Dirigido por Raphael Correa, Murilo Amancio e pelo próprio Kley, o filme resgata memórias, bastidores e emoções que permearam a criação e o desenvolvimento do álbum. Mais do que uma retros-

pectiva, "Maior que as Montanhas" é um tributo a todos que fizeram parte desse projeto, capturando a essência desse período na vida e na carreira do artista.

"Esse documentário é muito especial, é a última dança da 'Bolha', um presente para quem viveu e trabalhou nesse álbum. O Rapha,

um dos diretores, me entrevistou em 2020, antes mesmo de o álbum nascer, e fez perguntas sobre o projeto. Naquele momento, eu falava de expectativas, incertezas, e ele guardou tudo isso. Curiosamente, foi nesse dia que ele conheceu a mulher que se tornaria mãe do filho dele, através do que eu disse na

entrevista. Essas conexões tornam esse documentário ainda mais bonito", comenta Vitor Kley.

Imagens guardadas por anos agora se conectam a tudo o que aconteceu desde então, criando um fio condutor carregado de significado. Além de revisitar essa trajetória, o documentário também traz pistas sobre os próximos passos do artista. "Quando assisti, percebi que é realmente um presente. Um ciclo que se encerra, mas, como sempre, com algumas dicas do que vem pela frente. 'A Bolha' foi nosso grande álbum roxo, nos levou a um Grammy Latino, a muitas viagens, shows e momentos inesquecíveis. Espero que as pessoas recebam esse presente com o mesmo amor e carinho que tenho por esse projeto. Aproveitem a última dança da 'Bolha'", afirma Kley.

Com registros inéditos, reflexões extraídas do diário do cantor e imagens marcantes, "Maior que as Montanhas" já está disponível no YouTube, prometendo emocionar e oferecer um olhar profundo sobre um dos capítulos mais importantes da carreira do artista gaúcho.

## CRÍTICA / DISCO / PÁSSARO FUTURO

# O grito da natureza

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje trataremos de Pássaro do Futuro (Belic Music), álbum de Consuelo de Paula (letras, voz, violão e percussão) e Regina Machado (músicas, voz e violão). Com direção artística e produção musical das duas, o trabalho é uma diatribe contra os donos do mundo, causadores das mudanças climáticas que hoje condenam o planeta à destruição. Eis algumas músicas.

"Ayrá": o cello e o violão (Regina) iniciam. Cantando ora solando, ora em duo uníssono ou aberto em terças, as cantoras se revezam em louvor a Ayrá, orixá associado ao vento.

"Plumagem", inspirada no livro O Trovão e o Vento, de Kaká Verá, tem na intro o violão de Consuelo e o dedilhado do piano e do cello. A música pulsa entre eles, amparando

a sequência dos versos. Consuelo canta bonito!

"Canto de Chegança" fecha a primeira parte de Pássaro do Futuro. As autoras dividem o canto, agora contando com a percussão que as embala com o violão: "(...) é meu canto, é o que tenho pra dar/ Eu invento outro sinal, canto de guerra/ Tribo reunida quer recomçar (...)".

"Mainu" (beija-flor, em tupi-guarani) lembra um colibri cujo primeiro canto, segundo a cosmologia, teria dado início ao mundo. As autoras cantam com violão e cello, enquanto a caixa do divino de Consuelo dá o ritmo. Vocalizes levam ao final.

"Ave Grande" vem lenta, mar-



Divulgação

cada pela percussão e pelo acordeom. Plena de vocalizes em duo, o final chega ao som do acordeom em fade out.

"Ave Passageira" conta novamente com acordeom e percussão para dar vida ao xote que alerta para as aves extintas ou ameaçadas de extinção: caburé, ararinha azul e bico-

-de-marfim. As autoras seguem em seu libelo pela preservação das aves.

"Ave-Preta": Regina canta. Seu violão dedilhado se ajunta ao som profundo do cello para expor o amor que brota da alma das cantoras ativistas. Um intermezzo do cello prepara o ouvinte para a conclusão. Bela!

"Vento-Mar" está novamente a cargo do violão e da voz de Regina. O piano vem para complementar o segundo e delicado momento do álbum.

"Noturna Canção" dá início à despedida de Pássaro do Futuro. Para tanto, lá estão Consuelo e seu violão. Amparada por piano, cello e percussões, a atmosfera melódica se dá de forma a conta-

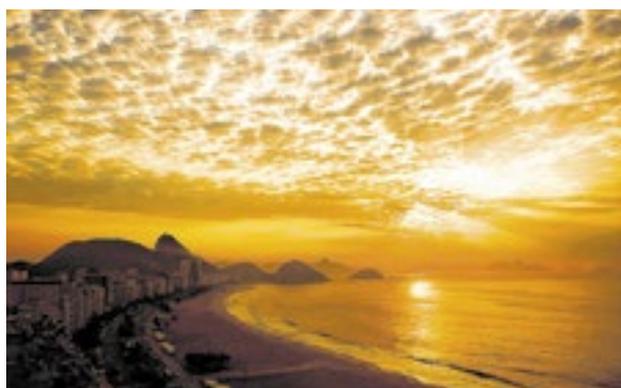
giar o ouvinte. A melodia é linda! A dinâmica, intensa!

"Atiaru": acompanhadas pelas percussões, fortalecidas por suas convicções ambientais, as duas cantam em uníssono, como a clamar para que nos ajuntemos a elas e a outras como elas.

O canto de Consuelo de Paula e Regina Machado traz a obrigação de sermos mais: de sermos uma nação a cantar pela vida numa só voz, uníssona e poderosa, que se contraponha ao poder dos senhores imperiais da terra. A música é capaz disso! Ouça em <https://11nk.dev/f0Abp>.

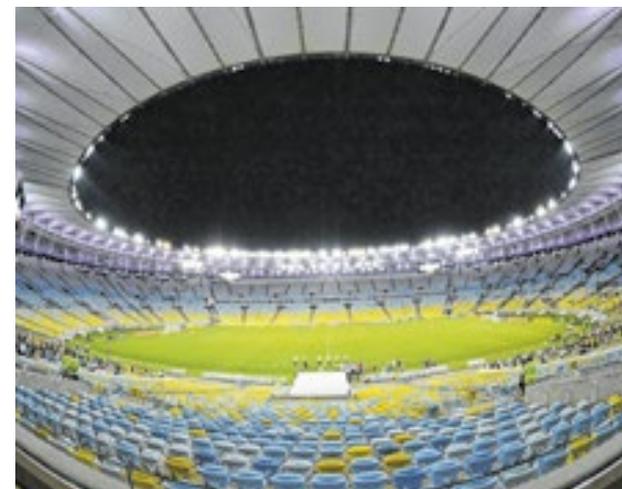
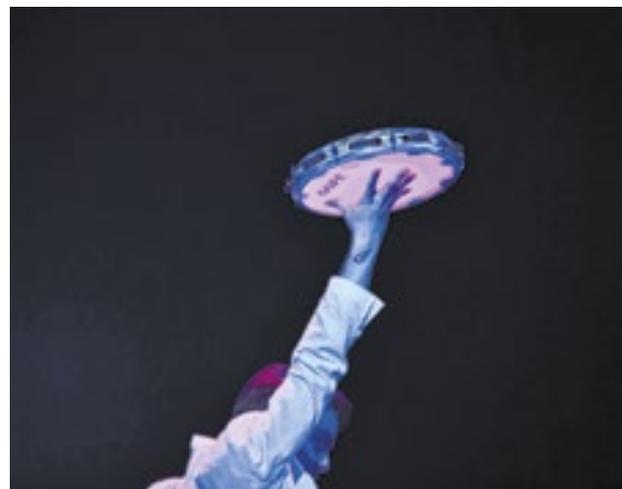
### Ficha Técnica

Mario Manga (violoncelo), Guilherme Ribeiro (piano e acordeom), André Rass e Nicolas Farias (percussão). gravação, mixagem e masterização: Mario Gil  
\*Vocalista do MPB4 e escritor



# ***Nós somos do Rio de Janeiro, cidade de praia e carnaval!***

Parabéns à cidade mais linda do mundo em seus 460 anos



BAILE DE MÁSCARAS DE CARNAVAL  
**JARDIM TROPICAL**

ENTRE FLORES E FANTASIAS, O PARAÍSO É REAL

SHOW EXCLUSIVO

**IZA**

07/MARÇO  
ÀS 22H

**FAIRMONT RIO**

Av. Atlântica, 4240 - Copacabana - RJ

+55 21 2525.1232

[copacabana.reservations@fairmont.com](mailto:copacabana.reservations@fairmont.com)



SAIBA MAIS



REALIZAÇÃO

*Fairmont*  
RIO DE JANEIRO COPACABANA

PRODUÇÃO

CAMAROTE  
ARPOADOR